

A VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO: UM RETRATAR DA CONTEMPORANEIDADE

Celina Maria Aragão Ximenes¹
Maria do Socorro Sales Mariano²

RESUMO: Nos últimos anos, a violência no trânsito tem assumido um caráter predominante em diferentes países, vitimando física e/ou emocionalmente, um expressivo número de pessoas que têm suas vidas, por vezes, deflagradas. Fenômeno extremamente complexo, que envolve questões políticas, econômicas e culturais, a violência nesse contexto tem sido alvo de escassas discussões, comumente restritas a enfoques que tão somente objetivam reduzir a sua incidência. Numa perspectiva que pretende refletir acerca dos meandros que envolvem essa dramática realidade, o presente artigo recorre a escritos de estudiosos da área de psicologia do trânsito e à descrição do mundo contemporâneo fornecida por cientistas sociais que, no nosso entender, favorecem o entendimento das relações humanas em diferentes cenários. Envoltos numa cultura que privilegia a materialidade do mundo imersa em rápidas mudanças em detrimento de valores morais, a violência no trânsito parece, assim, retratar a precariedade do homem do séc. XXI.

Palavras-chave: Violência, Psicologia do trânsito, Contemporaneidade.

VIOLENCE IN TRANSIT: A PORTRAY OF CONTEMPORANEITY

ABSTRACT: In recent years, violence in traffic has assumed a predominant character in different countries, victimizing physical and / or emotionally, a expressive number of people who have their lives sometimes deflagrated. Extremely complex phenomenon involving political, economic and cultural issues, violence in this context has been target of scarce discussions, commonly restricted to approaches that solely aim to reduce its incidence. A perspective that aims to reflect ins and outs on the intricacies surrounding this dramatic reality, this article draws on the writings of scholars of traffic psychology area and the description of the contemporary world provided by social scientists who, in our view, favor the understanding of human relationships in different scenarios. Wrapped in a culture that privileges the materiality of the world immersed in rapid changes at the expense of moral values, violence in traffic thus seems to portray the precariousness of man of the XXI century.

Keywords: Violence, Traffic psychology, Contemporaneity.

LA RABIA DEL CAMINO: UN RETRATO DE LA ÉPOCA CONTEMPORÁNEA

RESUMEN: En los últimos años, rabia del camino ha asumido un carácter predominante en diferentes países, victimización física y emocionalmente, un número significativo de personas que tienen sus vidas a veces artefactos. Fenómeno muy complejo, que involucra aspectos políticos, económicos y culturales, la violencia en este contexto ha sido objeto de algunas discusiones, restringido comúnmente a los enfoques que sólo pretenden reducir su incidencia. En una perspectiva que pretende reflexionar sobre las complejidades involucradas en esta

¹Mestre e doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Especialista em Psicologia do Trânsito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ). Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo. E-mail: celximenes@uol.com.br

²Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT). Email: socorro.mariano@hotmail.com

dramática realidade, este artículo se basa en los escritos de los académicos en el área de Psicología del tráfico y la descripción del mundo contemporáneo proporcionado por los científicos sociales que, en nuestra opinión, promover la comprensión de las relaciones humanas en diferentes escenarios. Envuelto en una cultura que hace hincapié en la materialidad del mundo inmerso en cambios rápidos a expensas de los valores morales, la rabia del camino parece así retratar la precariedad del hombre. XXI.

Palabras clave: Violencia, Psicología del tráfico, Contemporaneidad.

Introdução

Parada num semáforo, numa das regiões nobres da cidade, com o sol a pino, em meio a um enfadonho congestionamento, vejo emparelhar junto a mim um carro sendo conduzido por um senhor de meia idade acompanhado de uma jovem que mais parecia ser sua filha retornando da escola. Apesar do calor intenso que os acometia, aquelas pessoas conversavam com entusiasmo, dando-me a impressão de que o assunto que estavam abordando era agradável, visto que ambos sorriam descontraidamente. Observando aquela cena, senti-me reconfortada ao testemunhar tamanho entrosamento entre duas pessoas numa situação que, a princípio, causaria tensão emocional. O calor escaldante, o lento movimento de carros, a prolongada espera no semáforo... Nada disso parecia importar para aquelas pessoas. O explícito envolvimento afetivo parecia transcender a situação adversa. De repente, ouço uma buzina estrondosa e prolongada vindo lá detrás. Apesar dos vidros levantados, o ruído incomodava absurdamente, dando-me uma forte sensação de desconforto. Afinal, o que estaria acontecendo de tão drástico que levaria alguém a se comportar publicamente daquela maneira?! Logo em seguida, ouço uma voz distante dizer com muita ira: 'Sai da frente, seu filho da p...!' Olhando timidamente para os ocupantes do carro vizinho, deparei-me com outros olhares, agora envoltos numa atmosfera de muito temor e apreensão. O senhor de cabelos grisalhos parecia sentir-se extremamente envergonhado e atônito em meio à situação... Muitos olhares fitaram-no por instantes, talvez, na tentativa de julgá-lo 'incompetente', 'irresponsável' ou

mesmo um 'pobre coitado' num veículo que mediante uma simples distração findou obstruindo a via. Naquele momento, pude acompanhar de perto o desespero de alguém que na intenção de solucionar ou mesmo minimizar uma problemática emergente, via-se impossibilitado para tanto, visto que a situação não lhe dava alternativa outra que não a de permanecer parado no local, aguardando o sinal livre. Um expressivo estado de ansiedade acompanhado de um forte sentimento de culpa parece ter se instalado na vivência daquele senhor no momento. Ao abrir o semáforo, na tentativa de dar partida, o motor do carro estanca. Apavorado, com as mãos trêmulas, ele faz uma segunda tentativa, ocasião em que consegue sair do local num arranque que mais parecia o demonstrar de um enorme desespero em desobstruir a via para não ser ele mesmo aniquilado e morto!

A cena descrita com tamanha vivacidade, similar a tantas outras que acontecem cotidianamente nas diversas regiões do país, despertou-me especial atenção, deixando-me, de certo modo, comovida. Durante algum tempo aquela cena permaneceu na minha memória, suscitando-me algumas reflexões, do tipo: Quem somos, de fato, na atual conjuntura sócio-econômica? Quais os princípios éticos e morais que têm norteado a nossa conduta no denominado 'mundo pós-moderno'? Como temos delineado o nosso projeto de vida face a uma sociedade dita justa e democrática onde os valores humanos constituiriam a tônica de nossos interesses? Como estamos, afetiva e emocionalmente, situados num contexto mais e mais marcado por discrepantes

indicativos que, de um lado, sinalizam a prioritária busca por cidadania e, de outro, traduzem contraditoriamente uma expressiva desigualdade social?

Face a esses intrigantes questionamentos, a sensação que fica é a de que “estamos por um fio”. Nossos nervos parecem estar “à flor da pele”! Explicitamente, assistimos o emergir de uma proeminente agressividade em massa e o aflorar de condutas marginais, onde os descontentamentos, as insatisfações, as transgressões morais têm assumido uma velocidade avassaladora, a ponto de nos sentirmos mais e mais fragilizados, inseguros e mesmo desamparados quanto ao rumo que esse fenômeno tem tomado em nossas vidas.

Nos variados âmbitos da vida familiar, profissional, afetiva e do trabalho, evidenciamos, com tamanho pesar, o deflagrar da vida humana exposta a inúmeras formas de violência física e /ou psicológica, numa escala que atinge mais e mais o indivíduo que, em vias de constituir-se enquanto sujeito, acaba comumente sendo posto à margem como um elemento estranho que excede a norma estabelecida. Demarcado o espaço subjetivo do outro, qual seja, o de desvalido, impotente, frágil, este na condição de excluído, portanto, submetido aos descomedidos interesses que lhe são impostos como alternativa única e imediata - a violência expressa a sua máxima! Nesse ininterrupto jogo entre desvalidos e opressores, as infundáveis marcas da violência parecem, assim, atingir substancialmente o cerne daqueles que, apáticos, titubeiam em seus desconcertantes modos de ser no mundo em busca de segurança, na tentativa de minimização de suas angústias.

Anúncios de violência no trânsito no Brasil veiculados em jornais impressos, revistas, emissoras de TV e outros meios eletrônicos, têm se tornado frequentes no nosso contexto a ponto de não nos causar mais tanto impacto. Há bem pouco tempo, diante de anúncios dessa natureza, ficávamos extremamente estarecidos face o estupor que nos acometia, momento em

que numa atitude de zelo e compaixão, solidarizávamos com o outro, vítima de violência no trânsito. Sensibilizados com esse outro comumente exposto aos entraves que num extremo punham em risco a sua própria vida, éramos instigados a refletir em profundidade acerca do sentimento de angústia decorrente de perdas iminentes, das circunstâncias que possivelmente teriam acarretado tal incidente, das medidas de segurança que provavelmente teriam evitado tais dissabores...

Na situação de trânsito, comumente evidenciamos comportamentos agressivos, seja por parte do condutor ou do pedestre que, no nosso entender, parecem traduzir a desesperadora condição humana na contemporaneidade, exposta a uma iminente sensação de medo e desamparo. Nesse aspecto, Corassa (apud Hoffmann, 2003) destaca três tipos básicos de comportamento dos motoristas no trânsito, a saber: os “cautelosos”, aqueles que cumprem as normas estabelecidas pelo Código de Trânsito; os “donos do mundo”, aqueles que num excessivo grau de irritabilidade subestimam a conduta dos demais motoristas e os “mascarados”, pessoas que demonstram adequação no cotidiano familiar e do trabalho, mas no trânsito tendem a revelar atitudes agressivas na tentativa de compensar suas inseguranças e sentimentos de inferioridade.

Inúmeras têm sido as infrações de trânsito que apontam as mais diversas formas de manifestação da situação descrita, a saber: o excesso de velocidade, as ultrapassagens abruptas e indevidas, o abusivo uso de álcool e drogas, bem como o de aparelhos celulares no ato de condução do veículo, o ato de estacionar ou mesmo parar em locais indevidos, obstruindo, assim, a via e, conseqüentemente o livre fluxo de pessoas e veículos etc. Condutas dessa natureza revelam, no nosso entender, não apenas o descumprimento às normas vigentes no Novo Código de Trânsito Brasileiro, estritamente necessárias à segurança e à qualidade na dinâmica dos sujeitos

envolvidos nas vias públicas; mas, sobretudo, o desrespeito à cidadania, ao outro que, muitas vezes, evitando correr o risco de perder a própria vida, sente-se coagido a adaptar-se passivamente a essa intrigante realidade, em momentos “fazendo de conta” que nada vê. Cientistas sociais, a exemplo de Bauman e Boaventura dos Santos, apontam que a banalização da vida humana tornou-se o *slogan* do denominado “mundo pós-moderno”. Envolto nessa banalização, deparamo-nos com algumas questões que traduzem, sobretudo, a preocupação com o encaminhamento que a sociedade tem dado a si mesma e que, de alguma forma, tem se revelado comumente nos violentos modos de atuação no trânsito. A compulsiva necessidade de infringir normas, de denegrir pública e explicitamente a imagem do outro, e mesmo os descuidos decorrentes da falta de atenção no trânsito, desperta-nos especial atenção. Na condição de psicólogos preocupados com as manifestações de violência no trânsito, que leitura poderíamos fazer desse fenômeno? Que significado teria a violência no trânsito? Que sentido ocupa na vida daqueles que a praticam, sejam eles condutores ou pedestres?

1 – Um retratar da contemporaneidade

Afirma Pedrazzini (2006) que nas últimas décadas, a violência das cidades, característica predominante da contemporaneidade, retrata um dos efeitos mais nocivos que o processo da globalização tem acarretado na vida de milhões de pessoas residentes no mundo inteiro, principalmente nos países emergentes, que em meio à expressiva fragilidade, sobretudo, de cunho econômico, tornam-se rotineiramente reféns das assim denominadas grandes potências mundiais. Acrescenta o autor (2006) que face a essa situação, a população desses países, majoritariamente excluída, sofre diretamente as consequências desse avassalador processo evidente nos elevados índices de desemprego, nas dificuldades de acesso

aos serviços públicos de saúde, nas más condições de moradia e alimentação deficiente, no precário sistema de educação vigente, dentre outros agravantes que apontam nitidamente a depreciação dos órgãos governamentais junto àqueles que têm suas vidas afetadas em seus aspectos físicos, psicológicos e, sobretudo, morais, uma vez que atingem diretamente a dignidade humana.

Bauman (2005), ao descrever a modernidade, fundamentado na ideia de que o mundo necessita a todo custo ser transformado, modernizado, tornando-se algo diferente do que se é, portanto, alvo de compulsivas e rápidas mudanças decorrentes de inúmeros projetos que promovam continuamente o emergir de ideias inovadoras que a princípio garantiriam a melhoria da qualidade da vida humana em seus diversos âmbitos - aponta o fracasso de tal proposta. Destaca o autor, que o projeto da modernidade fracassa na medida em que tais princípios favorecem substancialmente a produção de “refugo humano”. O “refugo humano”, no seu entender, corresponde aos “excessivos” e “redundantes”, aqueles que inseridos num contexto sócio-cultural que privilegia exacerbadamente o consumismo e a competitividade desenfreada, não conseguem ou se recusam a compartilhar desses princípios. Comenta (2005): “O refugo é o segredo sombrio e vergonhoso de toda produção” (p. 38).

O referido autor (2005) afirma que o “refugo humano” produz, inevitavelmente, a “cultura do lixo”. Essa cultura deriva, sobretudo, do modo como a classe dominante, envolta em pretensiosos e infundáveis interesses econômicos, conduz politicamente a sociedade privilegiando determinados princípios que favorecem mais e mais a exclusão social e, com isso, a manutenção do *status* vigente. Sugere o autor que a “cultura do lixo” torna-se para a referida classe um mal necessário visando o alcance de seus objetivos. Noutros termos, atuam na sociedade cultuando a beleza, a perfeição, a praticidade na execução de seus projetos, abominando, na mesma

proporção, os “excessivos”, exatamente aqueles que uma vez estando “à margem”, justamente por não corresponderem aos imperativos preestabelecidos, revelam contraditoriamente a precariedade, o caos, a imperfeição; aspectos igualmente constitutivos da vida humana. Assim, contrariando aqueles que incessantemente lutam pela manutenção de um mundo estritamente imerso na absoluta perfeição, os sujeitos inadequados, os ditos “excessivos”, que em seus precários modos de vida, revelam a “sujeira” social, são sorratamente afastados do convívio com as diversas instâncias da sociedade.

Numa cultura que enaltece expressivamente a materialidade do mundo em detrimento das relações interpessoais, comumente destinadas a um segundo plano, os sujeitos tendem a manifestar certa apatia social, provavelmente em decorrência do sentimento de insegurança e temor face às muitas adversidades que margeiam o seu cotidiano. Nesse sentido, sinaliza o autor (2005)

O que todos parecemos temer, sofrendo ou não de “depressão dependente”, à plena luz do dia ou tomados por alucinações noturnas, é o abandono, a exclusão, sermos rejeitados, reprovados, deserdados, largados, despojados daquilo que somos, impedidos de ser o que desejaríamos [...] Temos medo de sermos despejados – de nossa viagem rumo à sucata. O que mais sentimos falta é da certeza de que tudo isso não vai acontecer – não conosco. Sentimos falta da isenção – da ameaça ubíqua e universal da isenção. Sonhamos com a imunidade aos eflúvios tóxicos dos depósitos de lixo. (p. 157)

Santos (1997) afirma que o sujeito pós-moderno é portador de três características básicas, descrevendo-as como consumista, hedonista e o narcisista. O consumo desenfreado de bens e serviços, a busca incessante pela satisfação imediata e o enaltecimento exagerado da sua auto-imagem traduzem uma realidade social

bastante diferente daquela delineada pela modernidade. Extremamente fragmentado, apático e destituído de continuidade histórica, o sujeito pós-moderno seduzido por atraentes imagens que pontuam o real, torna-se, assim, um mero espectador, visto que excessivamente fixado no presente, sem as tradições do passado, não consegue delinear um projeto de futuro.

Aponta Santos (1997) que o sujeito da modernidade uma vez regido por interesses de classe e por idéias que, de certa forma, mediante o uso da força (máquinas, armas, etc.) e da disciplina instigavam-no a perseguir claros objetivos fundamentado na História, na articulação com a sua tradição, parecia deter o controle da sua própria vida. Em contrapartida, o sujeito da pós-modernidade, fascinado pela “espetacularização” do mundo, por incessantes e fragmentárias imagens que o seduzem ao consumo, tem se tornado mais e mais espectador da sua história, sendo, portanto, mais um em meio a tantos outros que aderem ao consumismo.

Adverte-nos Santos (1997) que de todos os agravantes, talvez o maior deles consista na descrença política do homem pós-moderno, na falta de implicação com as grandes causas sociais que envolvem a sua realidade, necessárias à sua constituição enquanto sujeito motivado por questões ideológicas. Em virtude dessa situação, sugere o autor que o pragmatismo tem imperado nos diferentes contextos, seja na família, no trabalho ou mesmo na religião, provavelmente, de modo a evitar conflitos que venham a acarretar maiores transtornos de natureza física e/ou emocional. “Normalmente o indivíduo pós-moderno evita a militância ferosa e disciplinada. Ele é frio, prefere movimentos com fins práticos, nos quais a participação é flutuante [...] Nada de lutas prolongadas ou patrulhamento ideológico” (p. 92).

Afirma Bauman (1998) que o mundo pós-moderno é metaforicamente constituído por “turistas” e “vagabundos”. Os “turistas”, representantes da camada privilegiada da população, comumente dotados da livre capacidade de escolherem

seus próprios destinos, mantêm-se às custas dos “vagabundos”, aqueles que não tendo nenhuma outra possibilidade de escolha que não a de adaptar-se à miserabilidade, são, assim, concebidos como os “depósitos de entulho para a imundície dos turistas”. Os “turistas”, movidos pela atratividade do mundo, “[...] podem sair de novo a caminho, de uma hora para a outra, logo que as coisas ameaçam escapar de controle, ou quando seu potencial de diversão parece ter-se esgotado, ou quando aventuras ainda mais excitantes acenam de longe” (p. 114).

Esse mesmo autor (1998) aponta que embora os “turistas”, pessoas de poder aquisitivo elevado, gozem de uma vida excitante, marcada de surpresas e sensações intensas, de grandes prestígios em vista do fácil acesso a bens e serviços da melhor qualidade, sempre disponíveis em seu meio social – fato que, a princípio, garantiria o experimentar de uma vida estável e satisfatória, torna-se, inevitavelmente, uma ilusão para os mesmos. A vida fácil em termos de consumo vem comumente acompanhada de tamanho sofrimento. “[...] a vida do turista não é um mar de rosas. Há um preço a ser pago pelos prazeres que ela traz. A maneira como o turista põe de lado certas incertezas ocasiona suas próprias incertezas” (p. 116).

Costa (1997) sugere que o neoliberalismo ao consagrar a tendência histórica do Ocidente, qual seja, a de tornar os interesses econômicos o cerne da dinâmica social, contraria a forma de vida democrática, principalmente nas esferas do trabalho, da família e da educação, causando, assim, grande impacto na realidade psíquica do sujeito. “O sentimento de solidão cresce e a desconfiança em relação ao outro torna-se crônica. Todo mundo é um potencial adversário, competidor ou inimigo em vez de um colaborador da difícil tarefa de viver (p. 96).

O citado autor (1997) aponta que um dos grandes problemas gerados pela moderna cultura do individualismo no Brasil decorre, sobretudo, do automatizado

modo como introjetamos os valores definidos como ideais que deverão compor a nossa individualidade. Nesse processo, afirma que os sujeitos tendem, na mesma proporção, a se unirem e a desfazerem as suas relações tão logo seus imediatos interesses são atingidos, fato que no seu entender, promove uma forte sensação de instabilidade na vida pessoal. Comenta o autor

Lealdade, fidelidade, cortesia, cooperação, amizade e tantas outras formas de ligação simbólica, outrora cultuadas como bens morais, passam a segundo plano. Na falta de horizontes éticos comuns, entra a força do mercado. Desorientados moralmente, os indivíduos não sabem mais a que recorrer para estabilizarem suas identidades, propósitos ou objetivos, exceto aquilo fabricado pelo comércio de imagens e sensações. (p. 97)

Destaca Costa (1997) que o agir humano, envolto num crescente sentimento de desorientação, insegurança e descrença, assemelha-se ao teor dos produtos comerciais comumente condicionados a constantes mudanças das leis do mercado. Desse modo, sugere que a identidade subjetiva, constituidora da imagem do mundo em seus avassaladores interesses econômicos, reflete a banalização de sua própria condição humana, uma vez reduzida aos percalços de uma vida marcadamente mercantilizada.

Diante dessa contraditória e descompassada realidade, aponta o autor (1997) basicamente duas possibilidades, a saber: “[...] ou viver na superfluidade dos que não existem socialmente por não serem consumidores, ou viver na superfluidade dos que só sabem viver para consumir” (p. 99). Em quaisquer das atitudes assumidas, sinaliza o autor, com bastante pesar e temor, a evidente insuportabilidade de uma vida estritamente destinada à situação de sobrevivência e seus possíveis agravantes no destino da humanidade.

Moreira e Sloan (2002) pontuam que a globalização, geradora de “pacotes de riqueza e pobreza”, tem incidido mais diretamente na população carente dos recursos básicos necessários à vida. A exclusão social revelada nos acelerados índices de pobreza vem sendo acompanhada mais e mais por expressivos índices epidemiológicos de desordens emocionais. Dentre as conseqüências psicopatológicas da pobreza, destacam os autores: baixa auto-estima, niilismo e trauma, sobretudo, decorrentes do limitado exercício da cidadania. Aponta Sen (apud Moreira & Sloan, 2002), que “[...] a saúde mental será diretamente afetada pela falta de oportunidades sociais, assim como pela falta de transparência e de segurança protetora (p. 211) Nesse sentido, sugere que a insegurança, geralmente seguida de instabilidade emocional, muito tem contribuído para a etiologia de variadas psicopatologias.

Assim, comumente considerados desvalidos, o sofrimento psíquico tende a despotencializar a população pobre que, circunscrita num contexto sócio-histórico que enaltece os valores ditados pelas grandes potências, introjeta impensada e descomedidamente esse estigma, reconhecendo a “superioridade” das mesmas. Culturalmente empobrecida, essa população assumindo-se “inferior”, torna-se normalmente incapacitada de externar os seus reais valores e interesses na busca pelo redimensionamento de seu universo subjetivo.

Moreira e Sloan (2002) referem que em decorrência desse estigma, o pobre uma vez destituído de seus valores, transformado em “objeto passivo”, portanto, concebido como um “doente”, experiencia uma significativa falta de sentido na vida. Apontam que esse niilismo evidente na pobreza não apenas destrói o projeto humano, mas potencializa o emergir de diferentes transtornos emocionais a exemplo da depressão, da ansiedade decorrente do forte sentimento de insegurança e, assim, a dependência de psicofármacos. Observa-se, assim, que

No sistema público de saúde, um grande número de pessoas está recebendo a prescrição de tranqüilizantes para alívio de suas dores e ansiedades, quando estes sintomas são geralmente causados pelo desemprego, pela fome, pela falta de condições de moradia e a impossibilidade de melhorarem essas condições (Oliveira apud Moreira & Sloan, 2002, pp. 224-225)

2 – A contemporaneidade e o fenômeno da violência no trânsito

Conforme Rozestraten (apud Hoffmann, Cruz & Alchieri, 2003), tradicionalmente, a situação de trânsito define-se pela participação de três elementos básicos: o homem, o veículo e a via, imersos num contexto sócio-cultural e econômico mais amplo. O homem que é transportado tem o veículo como seu ambiente mais próximo com o qual estabelece uma relação de comando de acordo com as condições deste, que a princípio poderão facilitar ou dificultar o comportamento de dirigir. Da mesma forma, a via, entendida como o ambiente de trânsito, que uma vez caracterizada pelos aspectos físicos e pelas sinalizações nela contidas, são condicionantes que favorecem ou obstaculizam a circulação do tráfego. De qualquer modo, sinaliza o autor, que independente das condições da via e do veículo, o condutor, de modo a garantir a segurança e a eficácia no trânsito, deve estar bastante atento a sua conduta procurando atender as especificações que envolvem esse contexto.

Rozestraten (apud Hoffmann, Cruz & Alchieri, 2003) aponta que o homem, um ser eminentemente social e ambiental, sente-se comumente coagido a adaptar-se ao contexto no qual está inserido mediante o cumprimento de determinadas normas que especifiquem a sua conduta individual, ainda que este se encontre em estado de isolamento. Paradoxalmente, o ambiente normativo torna-se crucial na dinâmica da vida humana visto que quando nos

sentimos ameaçados em decorrência do descumprimento de determinadas regras, procuramos, de imediato, conforto e segurança.

Afirma o referido autor (2003) que de todos os comportamentos manifestos nos variados contextos, os que se dão na situação de trânsito são mais propícios a sofrerem influência de estímulos externos, sendo continuamente regulados e orientados pelo ambiente, seja no ato de conduzir um veículo ou mesmo encontrar-se na condição de pedestre. Acrescenta que o comportamento no trânsito ainda que submetido a leis que viabilizem a melhoria da qualidade de vida de todos os que estão envolvidos nesse contexto, não pode ser considerado de fácil dimensão e controle.

Dentre os componentes implicados no sistema de trânsito (o ambiente físico, o veículo e o condutor), Hoffmann (2005) pontua que a maior incidência de acidentes nas vias, cerca de 90% das ocorrências, é decorrente do equivocado comportamento do condutor que, muitas vezes, comete erros ou infrações às leis de trânsito. Barjonet, citado pela referida autora (2005), afirma que dentre as infrações comumente cometidas por este, muito contribuindo para o aumento de tal incidência, destaca: o excesso de velocidade, o desuso do cinto de segurança, o avanço no sinal vermelho, o ato de conduzir o veículo à curta distância de um outro, as manobras ilegais e o uso ilegal de pista restrita.

Corassa (apud Hoffmann, Cruz & Alchieri, 2003) afirma que os indivíduos quando expostos à situação de trânsito ficam extremamente vulneráveis a assumir determinados comportamentos ditos “inadequados” que comumente contradizem a pessoa que demonstra ser no cotidiano de suas vidas nos variados contextos relacionais. Acrescenta a autora que participar do trânsito na condição de motorista significa, portanto, a iminente possibilidade de envolver-se ou mesmo ser envolvido em conflitos que, conseqüentemente, venham a traduzir em potencial os seus traços pessoais, em particular, o seu caráter e temperamento.

Aponta a autora na citada obra, que os condutores de veículo não se limitam a usá-los como mero meio de transporte, mas estabelecem com este uma relação de maior intimidade que lhes permite a expressão de suas experiências subjetivas. O veículo assume para o seu condutor o significado de “casa”. Numa pesquisa realizada pela citada autora (2001), com usuários de veículos, esta afirma que dentre os dados levantados foi possível observar que os sujeitos da amostra estabelecem uma inter-relação entre o veículo e os compartimentos de uma casa (quarto, sala, cozinha, banheiro). A exemplo disso, aponta que um significativo número de entrevistados usa o carro como sala de som quando afirmam gostar de ter no carro suas músicas preferidas; tem o carro como sala de estar quando habitualmente conversam com familiares e/ou amigos; tem o carro como escritório quando nos raros instantes que está estacionado fazem anotações etc.

A “casa” representa não apenas a moradia do indivíduo, o espaço físico que permite a ele o atendimento de suas necessidades básicas como alimentação, sono, sexo etc., mas concebida como o espaço originário que o possibilita constituir-se enquanto sujeito no vínculo com figuras significativas de sua história, portanto, como o universo que suscita nele a manifestação da sua intimidade mais própria em termos de pensamentos, sentimentos, emoções. A “casa” parece, assim, assumir um significado especial na vida do sujeito que se constitui na interrelação entre dois mundos: o público e o privado. Noutros termos, no processo de constituição da subjetividade, a “casa” favorece o aflorar de alguns traços da personalidade que tornando-se alvo de preconceito, discriminação ou mesmo desacato à moral vigente, incidem, num extremo, em punição ao contraventor.

O ambiente interno é um ambiente que o ser humano sente necessidade de preservar. É a garantia da afirmação e confirmação da sua individualidade, onde ele se despe física e

psicologicamente, dando-se o direito de ser simplesmente o que é. No interior de sua residência, ele não se sente avaliado constantemente a partir dos padrões culturais estabelecidos pela sociedade (Corassa apud Hoffmann, Cruz & Alchieri, 2003, p. 68)

Nesses termos, sugere que a “casa” como espaço de proteção do indivíduo, horizonte que lhe permite suprir suas necessidades orgânicas, cognitivas e afetivas constitui também um espaço de conflito. Nela se preservam determinadas concepções e atitudes que no espaço público tornar-se-iam inaceitáveis ou alvo de olhares discriminatórios. Visto que o veículo passa a ter para o condutor esse significado, entendido, assim, como extensão de si mesmo, das experiências vividas em sua própria casa, em momentos, em meio a determinadas situações no trânsito, não percebendo que está em público, age com se estivesse na intimidade do espaço familiar. Assim, o entrelaçamento entre o público e o privado, próprios da condição humana na constituição da sua subjetividade, tendem a acarretar fortes estados de tensão emocional geradoras de situações de conflito. Afirma a citada autora (2003) que

[...] o ser humano coloca-se dentro do carro considerando-o como espaço de privacidade, dando-se o direito de ser e agir conforme é e age na sua própria casa. No entanto, na vida pública, existem outros motoristas, usuários do mesmo espaço público, cujos padrões de comportamento não são necessariamente os mesmos do espaço privado, mas divergentes.[...] Na medida em que sua ação de “estar à vontade” por “sentir-se em casa” (mesmo estando no carro, na via pública) torna-se inadequada, usando palavras agressivas, gestos provocativos, ameaçadores, intimidando e invadindo o espaço de outros motoristas, que também estão ali, provavelmente com os mesmos comportamentos, isto é, se não (re)

significaram a realidade da casa, do carro e do trânsito. (p. 72)

O contexto do trânsito, assim concebido como o espaço que expõe o indivíduo a manifestação e desdobramento de sua subjetividade na interface contínua entre o público e o privado, parece revelar uma série de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, que em maior e/ou em menor grau, comumente acarreta situações de conflito entre os sujeitos envolvidos. Observamos que muitos desses comportamentos decorrentes da luta por um maior espaço e domínio da via, resultam em atos de violência, tendo o veículo como o seu principal instrumento. Seja o condutor ou o pedestre, ambos encontram-se sujeitos a cometer e/ou ser acometido por atitudes que violem a sua integridade física e/ou moral. Nesse caso, a “casa” (veículo), designando o espaço físico e subjetivo do indivíduo, quando violado ou passível de violação, portanto, uma vez invadido pelo outro, tende a desencadear nele sentimentos hostis e de vingança, suscitando, sobremaneira, a intensificação da violência no trânsito.

Considerações finais

Nos últimos anos, face à violência que define a situação do comportamento humano no trânsito em nosso país, entendo que estamos um tanto quanto indiferentes, e num extremo, reféns de nós mesmos em meio aos agravos que a contemporaneidade tem acarretado em nossas vidas. Acostumamo-nos com as inúmeras manifestações de violência no trânsito desde as menos impactantes física e emocionalmente, àquelas que nos causam estupor, mal-estar e indignação, mas que, de imediato, nos distrai, desviando-nos a atenção para os afazeres cotidianos do trabalho, da família etc. Ultimamente, o tempo parece transcorrer em altíssima velocidade em razão dos imperativos que definem a modernidade, dando-nos a impressão de que tem nos faltado tempo... Tempo para refletirmos acerca da vida em

sua sutileza e simplicidade, no modo como efetivamente aparece para nós, como temos lidado com ela e como nela estamos situados, enfim, questionamentos que sinalizam, em meio ao turbilhão de acontecimentos diários, quais as nossas prioridades num mundo soberanamente tecnológico e massificador, onde as relações humanas têm se tornado mais e mais diluídas, superficiais e destituídas de afeto.

Referências

- Bauman, Z. (1988). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Bauman, Z. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Costa, J. F. (1997). *A felicidade em dois tostões*. Revista do IBASE. Ano I, n. 1.
- Hoffmann, Cruz & Alchieri. (2003). *Comportamento humano no trânsito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hoffmann, M. H. (2005). *Comportamento do condutor e fenômenos psicológicos*. Revista Psicologia: Pesquisa & Trânsito, v. 1, nº 1, pp. 17-24.
- Lins, D. S. (org.) (1997). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus.
- Moreira & Sloan. (2002). *Personalidade, ideologia e psicologia crítica*. São Paulo: Escuta.
- Pedrazzini, Y. A. (2006). *A violência das cidades*. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Santos, J. F. (1997). *O que é pós-moderno*. CSão Paulo: Editora Brasiliense.